

UNIDADE 5

RESUMO EXPANDIDO (VERSÃO EM LPE) A HISTÓRIA DE UM ORGANISMO

Mario Missagia

Nascer, crescer e depois morrer: essa é a história de um organismo. E nele muitas partes distintas – que nascem pequenas, desenvolvem-se e assumem funções importantes – fazem parte de um todo e passam a ser o que são.

O que seria um braço sem corpo? O que seria um pé sem corpo? Mas o corpo sem pé ainda é corpo, mesmo que um corpo incompleto, que não completa sua totalidade, suas funcionalidades e, talvez, não chegue mesmo a conseguir viver muito, mancando por aí. Durkheim fala sobre as partes que se somam em um todo, mostrando como nenhuma dessas faz sentido só; como não pode haver um professor sem aluno, ou um aluno sem professor, ou uma sociedade sem muitas pessoas, que sendo parte de algo grande e complexo, encontram algo para ser, um modo de viver, enquanto parte, parte de um todo que, ao menos em parte, seriam todos.

Mas seria possível viver sem ser parte? Viver só? Para que serviu a formiga soldado quando não havia rainhas ou formigueiros? Para que serviu o professor que nunca teve alunos? Não, a parte tem que ser parte de algo para ser. Por sua vez, esse todo necessita de muitas partes e todas essas, quando observadas juntas, parecem, para Durkheim, formar uma espécie de organismo, o qual constante desafia o tempo. E perdendo suas partes, formando novas, vai se mantendo o mesmo, ainda que sempre sendo outro. Do mesmo modo que um rio, que, mesmo não tendo mais as mesmas águas, ainda é o mesmo rio, ou como nós mesmos, que cortamos as unhas passageiras e sempre tivemos e teremos unhas. O organismo social me tem, eu professor, e depois que eu me for, o aluno tomará meu lugar, sendo ele o professor dos novos alunos, que serão muitas coisas outras, mas também os futuros professores desse antigo aluno.

Mas não foi Durkheim o primeiro a falar disto, lemos em Aristóteles ideias semelhantes, falando que o “todo precede a parte”. Nada de estranho nisso, todos falam do que veem e vivem, mas todos falam com as palavras que têm. Os homens sempre nasceram e morreram em um mundo maior e mais antigo que eles; todos os homens sempre viram as novidades chegarem, mas como falar disso? Durkheim falava de um organismo, com partes que se mantinham coesas, lutando contra a anomia, contra a

desagregação. E cada parte desse todo teve que ser parte e ser ele próprio, teve que ser também seu todo, formado por suas partes. Mas como essas experiências se dão?

Quando aprendo a falar quero dizer o que sinto, mas as palavras já existiam e não podem compreender as sensações que são só minhas. Então, as cores que enchem meus olhos, como só eu posso saber, devem ser azul, verde e amarelo. Do mesmo modo, o “au-au” deve ser o cão e o “miau” deve ser o gato. E todas essas palavras que já existiam, todos esses nomes para as coisas que passam a existir para mim quando eu as sinto, da forma única como as sinto, se impõe a mim. Tudo isso que é maior que a parte, é anterior a cada um de nós e seguirá existindo depois de nós, se impõe a nós; como disse Durkheim, são fatos externos, gerais e coercitivos. Mas não é esse o fim, é o começo. Quando aprendo as palavras das cores e dos bichos, ganho a possibilidade de me libertar com elas, passo a ser através delas. Assim, os poetas fazem poesia, os cientistas ciências, os professores e alunos fazem aulas, com tudo isso, passamos a conseguir entender melhor o mundo dentro e fora de nós, passamos a poder perceber o que é próprio de nosso mundo, dentro e fora de nós, passamos a ser a infinidade de coisas que nos tornamos.

O que é ser uma mulher? É ser o que eu sou! Mas não sendo a única ou a primeira mulher, sou o que outras foram. Espera-se de mim o que se espera das demais, mais que isto, ser mulher significa que existem homens, os quais não são o que sou. Esses fatos existiam antes de mim e esse peso do passado faz com que eles tendam a existir também depois; são fatos maiores que eu e, mesmo que eu lute, terminarão por se impor a mim. Não que eu tenha que aceitá-los, mas terei que lidar com eles. Se eu quiser não ser mulher, quiser ser homem, ainda estarei sendo uma das partes, ainda estarei reproduzindo o organismo social e seus fatos. Mas se eu não for mulher ou homem? Sempre terei que lidar com homens e mulheres, que não tendo palavras para mim, não me entenderão, me tratarão como mulher ou como homem, me fazendo, desse modo, de mulher ou de homem. Em que banheiro entro? No limite, a incompreensão me separa, me afasta, e de parte que eu era, viro como um todo sem parte, perco a coesão e passo a anomia.

Nesse sentido, Durkheim diz serem os gêneros fatos sociais, o que não significa que são fatos dados e que sempre existirão. Não faltam na história exemplos de sociedades que pensavam os gêneros de modo diferente e, mesmo a nossa sociedade, lida com essa questão de modo bem mais complexo que a simples afirmação da dualidade homem/mulher. Mas todas as sociedades constroem modos de pensar tudo

que há (generos, cores, formas de discurso sobre o mundo...) e, quando nascemos, essas formas se impõem a nós. Chegamos à escola e temos que ser alunos ou professores, sob pena de sermos enquadrados, no limite, pena de não conseguirmos fazer parte. Mas, assim como a criança cresce e seu corpo muda, para Durkheim, as sociedades se transformam, deixando de ser o que eram para assumirem outras formas. Eventualmente, elas também conhecem a velhice e mesmo o fim de sua história.